



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Wendland, Jaqueline

A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: Perspectivas Teóricas e Metodológicas

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 45-56

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814104>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê Perspectivas Teóricas e Metodológicas

Jaqueline Wendland<sup>1</sup>

Universidade de Lille III, França

### Resumo

A influência das interações pais-bebê no desenvolvimento social e afetivo infantil tem sido objeto de numerosos estudos nas últimas três décadas. Neste artigo, examina-se, de um ponto de vista teórico e metodológico, a evolução dos estudos na área das interações pais-bebês, particularmente no campo da clínica. Aponta-se também para as temáticas de pesquisa que têm se revelado promissores no estudo das interações pais-bebê.

*Palavras-chave:* Interação; pais-bebê; desenvolvimento sócio-emocional.

**The Clinical Approach of Parent-Infant Interaction: Theoretical and Methodological Perspectives**

### Abstract

The influence of parent-infant interaction on social and affective child development has been the object of a large number of studies in the past three decades. This paper focuses on the evolution of the studies in the field of parent-infant interaction, particularly in the clinical domain. The research themes that seem to be promising in this domain are also highlighted.

*Keywords:* Interaction; parent-infant; socio-emotional development.

As interações pais-bebê bem como o desenvolvimento social e afetivo da criança pequena têm sido objeto de numerosos estudos nas últimas três décadas. Grande parte destes estudos teve impulso a partir do reconhecimento do potencial social inato do bebê e de seu papel ativo já nas suas primeiras interações com os pais (Brazelton, 1982). A partir de então, multiplicaram-se os estudos sobre o desenvolvimento psicológico da criança no início do ciclo vital e suas interações com o mundo adulto. Estes estudos adotaram inicialmente uma perspectiva diádica (em particular a tríade mãe-bebê) e mais recentemente, passaram a considerar a tríade mãe-pai-bebê ou o grupo familiar como um todo (Fivaz-Depeursinge, 1998a). Paralelos aos estudos observacionais e experimentais, muitos progressos nessa área têm sido origem na colaboração cada vez mais próxima entre pesquisadores e clínicos que trabalham com a primeira

que optamos por privilegiar nossa área de atuação, ou seja, as interações.

### Das Concepções Psicanalíticas das Interações

Dentre as diversas perspectivas, a psicanálise é a que mais se destaca no campo das interações pais-bebê. As contribuições da escola psicanalítica para a compreensão das interações pais-bebê são fundamentais. Muitos psicanalistas como Spitz (1945, 1969a, 1969b) e Winnicott (1951, 1953, 1971) sejam hoje em dia consagrados. As contribuições psicanalíticas têm o mérito de terem levado a uma compreensão mais profunda das primeiras relações da criança com o mundo.

Uma revisão da literatura mostra que, apesar do avanço teórico, há ainda muitas descrenças e discordâncias sobre as interações pais-bebê. Ainda há muitas questões a serem respondidas, como a natureza das interações pais-bebê, a forma como elas se desenvolvem ao longo do tempo, e como elas afetam o desenvolvimento da criança.

descrito em situação bastante passiva e pouco evoluída. A concepção de Spitz do neonato como isolado do mundo exterior e incapaz de perceber estímulos sensoriais é hoje ultrapassada. Sua ignorância quanto à possibilidade de aparecimento de sorrisos face a estímulos sociais (voz e rosto humano) muito antes da oitava semana de vida também foi criticada (Mazet & Stoleru, 1993). Todavia, apesar dessas críticas, Spitz merece destaque por ter sido um dos primeiros psicanalistas a ter utilizado, de maneira sistemática, a observação direta de bebês, ao vivo e através de filmes. Além disso, apontou para o caráter vital da relação mãe-filho, conforme ilustram seus estudos sobre a depressão anacítica e o hospitalismo (Spitz). Pode-se também notar que Spitz já buscava identificar as patologias da interação no que ele chamaava descarrilamentos do diálogo mãe-bebê (Spitz, 1964). Da mesma forma, embora noções como autismo normal e fase simbólica sejam hoje criticadas, os demais períodos do processo de separação-individuação descrito por Mahler permanecem atuais (Mazet & Stoleru). Além disto, por ter descrito estes períodos a partir da observação de crianças pequenas, Mahler também pode ser considerada como uma precursora na utilização desta abordagem.

Por outro lado, contrastando com os autores mencionados acima, a concepção de Klein (1969a, 1969b) dava ao bebê uma vida psíquica bastante elaborada, pois descrevia o ego como já presente desde o nascimento. Apoiada em observações feitas durante tratamentos psicanalíticos de adultos e crianças, para Klein o bebê era capaz de sentir angústia, empregar mecanismos de defesa e estabelecer relações primitivas de objeto tanto na fantasia como na realidade. Ainda que certos aspectos das concepções de Klein pareçam hoje inverossímeis, como a complexidade da vida psíquica que ela atribui ao bebê em um período em que a maturação cerebral não parece permitir tal riqueza, suas idéias deixaram marcas profundas nos estudos sobre a relação mãe-bebê, especialmente na direção da discussão da libidinização.

dúvida, o destaque que têm merecido a Bowlby deve-se sobretudo às repercussões de saúde mental para as quais apontaram o desenvolvimento do vínculo afetivo (Greenberg, 1991). Por outro lado, embora concebida por um clínico e para auxiliar no tratamento de distúrbios emocionais, o que se disse surprende ao constatar que sua impulso tão grande à pesquisa em desenvolvimento, mas apenas muito influenciava o progresso da psicoterapia (Bowlby, 1988). Na medida que os padrões de apego que a criança estabelece com o parceiro adulto passaram a ser diagnóstico, suas idéias reforçaram o interesse clínica e a pesquisa.

As concepções do apego de Bowlby foram criticadas quando apresentadas à comunidade científica, especialmente porque elas divergiam da teoria da psicanálise. Em correspondência a Lebovici, Spitz e Anna Freud chegaram a dizer que era preciso abandonar a ideia de ser um traidor da psicanálise de Klein (1996). Segundo Bowlby (1969), toda criança tem uma necessidade social primária que, de forma geral, é satisfeita pelos contatos sociais com o ambiente, torna usualmente sua figura de apego. Para (1959), o apego é decorrente do prazer que é obtido pela satisfação das necessidades primitivas fisiológicas. A repetição de experiências de apego promove o desenvolvimento do apego, que é uma ligada aos momentos de prazer, a qual é estimulada libidinalmente. Contrastando com a teoria de Bowlby, o apego decorre de predisposições genéticas que não estão ligadas à satisfação de necessidades, mas à manutenção do contato e proximidade com o adulto.

Além disto, a teoria do apego contrasta com a teoria da infância normal e período simbólico de Mahler, Mahler, Pine & Bergman (1975).

comportamentos interativos influenciou profundamente os estudos sobre as interações pais-bebê.

## O Estudo das Interações: Algumas Considerações Metodológicas

Pode-se notar que, retrospectivamente, os estudos do bebê e de suas interações evoluem de uma perspectiva indireta, essencialmente psicanalítica, para uma abordagem mais direta e aberta a diversos campos das ciências. Na primeira perspectiva, sustentada por psicanalistas de abordagem ortodoxa, trata-se de reconstruir o bebê presente em cada ser humano através das lembranças das experiências infantis e de relatos de pacientes adolescentes ou adultos submetidos à psicanálise.

Segundo Cramer (1982), neste método, o material é transmitido via linguagem e, portanto, é mediado pela dimensão simbólica de seus significados, dizendo-nos mais acerca do funcionamento psíquico infantil do que sobre os conteúdos propriamente das experiências. Se por um lado estas experiências seriam, portanto, deformadas pelas elaborações sucessivas do paciente (trata-se da história de uma história, feita e refeita diversas vezes), por outro lado, poder-se-ia argumentar que o material evocado é também enriquecido pela dimensão simbólica da linguagem e pelo contexto terapêutico e transferencial da situação analítica. Estes últimos permitem ao analista o uso de interpretações para elucidar os significados latentes dos comportamentos ou eventos relatados pelos pacientes. No entanto, a singularidade da relação analista-paciente faz com que princípios básicos da pesquisa científica, tais como o grau de concordância entre os observadores e a replicabilidade do protocolo de estudo, não possam ser atingidos. Esta corrente tem sido defendida por psicanalistas como Green, para quem a psicanálise desenvolvimentista não estuda o bebê de Freud, que só pode ser apreendido pela sua ausência e, portanto, retrospectivamente (Green, 1979).

Contrastando com esta perspectiva mais clássica,

(Mazet, Cukier-Hemeury, Latoc, 1989), bem como a restrição ao comportamento humano a um nível que, por sua vez, constituiem algumas das limitações da abordagem.

Seguindo em paralelo a abordagens, o emprego da interação também deu origem. Nas abordagens psicanalíticas, a relação foi, durante décadas, relações de objeto, ou seja, para a libido de representações mediadas ao relacionamento entre os sujeitos. A perspectiva que estuda diretamente a representação é definida como representâncias, ou representâncias visíveis entre o adulto e o bebê. O foco de investigação é voltado para a interação observável (Tronick, 1979).

A despeito das divergências destes métodos, pode-se dizer que a pouca rivalidade persiste entre as abordagens indiretas, uma vez que pesquisas que proveitam de ambas as abordagens clínicos passaram a admitir a necessidade de uma metodologia mais rigorosa, o que fez os pesquisadores reconhecerem a importância de, ao se estabelecerem comportamentais, ouvir a história que os precederam, assim como as associadas à criança, sua chegada ao mundo e seu crescimento para seu futuro. Todavia, cada linguagem e métodos distintos de diálogo entre pesquisadores e campo da pesquisa em psicoterapia (Clarkin, Johnson & Parry, 1993; 1999).

Muito embora avanços já  
observados nesta área, uma  
descrição mais detalhada

& Visier, 1989; Stoleru & Le Mer, 1995). A busca de soluções para estes problemas deu origem a uma multiplicação de metodologias de coleta e de análise de dados, freqüentemente utilizadas de maneira associada (Lebovici e cols.). Mais recentemente, os estudos nesta área têm podido contar com o auxílio de programas informáticos que permitem um ganho de tempo importante na codificação e análise estatística dos dados (ex: *Interact*, Dumas, 1987; *The Observer*, Noldus, 1996).

Como já foi mencionado, a observação ocupa um lugar central nestes estudos e atualmente ela tem sido utilizada em diversos contextos: em laboratório, em instituições como creches e hospitais, assim como no ambiente familiar. Na maioria dos casos, a observação tem por objetivo avaliar a qualidade mais ou menos saudável das interações, as competências ou as atitudes de cada participante. Todavia, mais recentemente, a observação também tem sido utilizada como instrumento terapêutico, uma vez reconhecidos os efeitos positivos da atenção e do investimento afetivo que ela pode comportar (Houzel, 1989; Jardin, 1994; Lamour & Barraco, 1995; Lebovici, 1995).

Neste sentido, não é mais possível ignorar que a observação exerce uma influência e, em certa medida, modifica o objeto da observação. O observador, quando descreve ou filma uma diáde em interação, traz consigo seus afetos, seus modos de comunicação e expressão verbal, gestual e visual, aos quais os sujeitos observados reagem, fazendo o observador reagir em contra-partida. Ambos esperam algo do outro nesta relação: o observador procura o objeto de sua pesquisa e reage face ao que observa (por exemplo privilegiando ou evitando certos ângulos de filmagem), enquanto o observado espera uma ajuda, sente-se curioso ou mesmo inconscientemente estigmatizado ao ser objeto da observação. Neste sentido, pode-se falar em fenômenos de transferência e contra-transferência entre o observador e o observado (Lebovici, 1995; Lieberman, 1998).

Uma questão que surge é se a observação é um

Examinando-se a história - bastam trabalhos na área das interações pais-bebê que os primeiros estudos (cf. referência no próximo tópico), tanto de profissionais da pesquisa em psicologia do desenvolvimento, raramente descreviam a *interação* do bebê com o adulto. Na verdade, podemos dizer que se focalizavam o *comportamento* do bebê, o que se ocupava dele, mas pouco se sabia sobre como ele reagia em presença do outro. Ora, o conceito de interação pressupõe a existência de dois parceiros que reagem reciprocamente (Cassidy, 1973; Mazet e cols., 1989). Segundo Cassidy, "a interação é um evento que ocorre entre dois ou mais indivíduos" (p. 514). Por outro lado, a interação é bidirecional e portanto parte implícita de uma interação, durante décadas prevaleceu a visão de que o adulto (o parceiro adulto (em geral a mãe) é o organizador das interações (ao menos é o principal, mas também único culpado pelas perturbações). Assim, falava-se em interações, mas estudavam-se comportamentos ou a observação ou da mãe em determinadas situações, ocorrendo dentro de um contexto. Esses comportamentos podem ser considerados unidimensionais ou interativos (Carvalho).

Atualmente, supõe-se que os estudos de interação ultrapassado a soma de fatores maternos e filhos (cf. referência no próximo tópico). Muitas das teorias e modelagens que se inspiram na teoria transacional (cf. referência no próximo tópico), por sua vez derivada da teoria da interação social (cf. referência no próximo tópico), supõe que o ambiente e o indivíduo interagem entre si, num processo contínuo de desenvolvimento e mudanças. De acordo com Emde (1998), a teoria da interação social é bastante adequada para explicar as interações e o desenvolvimento psicológico, os aspectos de continuidade, de adaptação e de transformação.

Por fim, também é importante ressaltar que os aspectos éticos das pesquisas são raramente evocados, embora a consideração dos riscos e a tomada de precauções sejam imprescindíveis, mesmo em situações aparentemente banais, mas sobretudo quando trabalhamos com populações que apresentam patologia ou risco (Lebovici, 1995). A garantia do anonimato, o direito de conhecer os resultados da pesquisa e de ser consultado quanto ao uso futuro das observações (para fins de ensino ou de divulgação científica) não podem ser negligenciados.

### **Interações Pais-Bebê: Contextos e Temas de Pesquisa**

Pode-se também traçar algumas observações quanto à evolução dos temas e contextos dos estudos na área das interações pais-bebê. De fato, como não poderia deixar de ser, não somente a motivação pessoal do pesquisador, mas mudanças sociais bem como circunstâncias históricas direcionaram as primeiras pesquisas. O contexto de pós-guerra, a crescente necessidade de se deixar as crianças na creche e a preocupação com os efeitos negativos das separações decorrentes destas situações tiveram um papel determinante na escolha de temas e contextos de pesquisa. Assim, pode-se observar que Spitz (1965) conjugou seu interesse na psicopatologia precoce à observação do bebê em condições bem particulares: em situação de isolamento e carência, em instituições que em nada lembram o ambiente familiar. Outros precursores tais como Anna Freud (1936/1949), Burlingham (Burlingham & Freud, 1942), David e Appell (1964), Goldfarb (1945), Robertson e mesmo Bowlby (Robertson & Bowlby, 1952) também fizeram observações notáveis de bebês e crianças pequenas, mas muitas vezes tratava-se de observar o bebê separado de sua mãe ou em interação com um cuidador substituto. De fato, Anna Freud e Burlingham tiveram a oportunidade de observar bebês afastados de seus pais durante os bombardeios de Londres (Burlingham & Freud, 1942). Pode-se imaginar facilmente

de maneira decisiva para hospitalares e escolares que pequenas.

Um pouco mais tardias, as para o estudo das interações tornaram numerosas e relevantes quanto metodológico (cf. est (1981), Tinbergen (1951) e H 1966)). Antes de mais nada, cab que veio a ênfase na principal, n de se estudar as interações: a ol da observação minuciosa, pr chegar à noção de competênc o papel ativo desta última na com outras crianças (Bell & H da etiologia é de ter salientado a em contexto natural, ou seja, do ambiente familiar da pessoa deve-se notar que a etiolog padrões de comportamentos os seres humanos, limita-se fre de populações normais, em psicopatológicos. Estes métio bastante com aqueles dos p teorizações mostravam o be passivo e dependente, e cujas situações muitas vezes proble vezas trágicas para a criança

Do ponto de vista conce forneceu conceitos tais como fixo de ação, que tiveram re psicologia do desenvolvimento clínica. Por exemplo, a noção de alguns estudos bastante co e Kennel (1982), que mostram de contato mãe-recém-nascido estudos estimularam mudanças

Paralelamente aos estudos etiológicos e psicanalíticos, a partir da década de 60, os trabalhos em psicologia do desenvolvimento passaram a apontar para diferenças inter-individuais presentes desde os primeiros dias de vida do bebê, tanto do ponto de vista biológico como comportamental (Wolff, 1966). Destes estudos emergiu a noção de temperamento que, por sua vez, foi fundamental para o reconhecimento da individualidade de cada bebê (Chess, 1967; Thomas, 1968). Assim, reconhecia-se em cada bebê reações, preferências e ritmos próprios. Pouco a pouco, a constatação da complexidade dos comportamentos elementares (p.ex.: sucção, olhar), da precocidade dos comportamentos perceptivos e imitativos (Fantz, 1963; Meltzoff & Moore, 1977), e do caráter imediato do interesse pelo companheiro humano, fizeram do bebê um parceiro ativo na interação (Lewis & Rosenblum, 1974). Investigavam-se também nesta época os comportamentos reflexos (Prechtl & Beintema, 1968) e os estados de vigilância do bebê (Wolff). Estes últimos, como se sabe, determinam em grande parte a qualidade das respostas e reações do bebê aos estímulos e comportamentos do adulto. O bebê deixou de ser, portanto, uma criatura limitada, capaz apenas de comer, chorar e dormir e passou a ser o bebê ativo, competente e maravilhoso, que pode fazer de sua mãe a mais feliz e orgulhosa do mundo (Brazelton, 1997).

Brazelton, ao publicar e divulgar a utilização da *Escala de Avaliação do Comportamento Neonatal* (Brazelton, 1973) junto aos pais, deu impulso a numerosos estudos que integraram os conhecimentos sobre as competências do bebê à possibilidade de intervir e prevenir junto a diádes normais ou em situação de risco (Brazelton, Nugent & Lester, 1987; Gomes-Pedro e cols., 1987; Wendland & Piccinini, 1998; Wendland-Carro, Piccinini & Millar, 1999; Worobey & Belsky, 1982). Permitir aos pais que eles descubram e admirem as competências interativas de seu bebê pode ser um passo determinante na construção da relação que eles estabelecerão com seu bebê, sobretudo

Rovine & Taylor, 1984). Para se revelar, os bebês necessitavam de um parceiro disponível. Assim, dois conceitos, complementares e indissociáveis, deram origem a numerosas pesquisas explorando as contribuições do adulto para o bebê: a sensibilidade (*sensitivity*) e a disponibilidade (*responsiveness*), sobretudo da figura materna (Bell & Stayton, 1974). Estes conceitos estavam associados à teoria do apego, na qual são diretamente implicados na formação dos padrões de apego no bebê (Ainsworth, 1973; Wall, 1978; Bretherton, 1987). Muitas intervenções e propostas de prevenção e tratamento dos distúrbios interativos têm por objetivo desenvolver destas capacidades no adulto que sejam cuidados do bebê (McDonough, 1995; Tanguay, 1995; Whitt & Casey, 1982). Estas intervenções puderam ser mais ou menos rapidamente implementadas, dependendo de conceitos de base psicanalítica que sejam mais ou menos disponíveis e ajustados da respectiva cultura. Assim, por exemplo, o estado de preocupação materna, a noção de mãe suficientemente boa (Goodwin & Winnicott, 1969), as antecipações criativas (Lebovici, 1983), a harmonização afetiva (Stern, 1985) e a disponibilidade emocional (Sorce, 1983). Estas noções descrevem diferentes aspectos do diálogo de intenções, afetos e sinais que se estabelece entre o bebê e seu parceiro, o adulto, e que condiciona o desenvolvimento da criança (Emde, 1992).

Vivemos hoje um momento de interação entre as perspectivas e dos conhecimentos que permitem uma visão mais ampla sobre o bebê e as relações que ele estabelece com o seu ambiente e meio. Assim, a dicotomia entre interação e intrapsíquico cede pouco a pouco para novas concepções, que procuram integrar as dimensões comportamentais quanto psicodinâmicas.

Numa perspectiva diagnóstica e terapêutica, a

Por sua vez, Lamour e Lebovici (1991) preconizam o estudo das interações em três níveis: comportamental, afetivo e fantasmático. No primeiro, observam-se as interações visuais (ex.: troca de olhares, comportamento de esquiva do contato olho-a-olho), as interações corporais (ex.: qualidade dos contatos físicos, posturas adotadas), as interações vocais ou verbais (ex.: conteúdo das verbalizações maternas, choro do bebê, contingência das respostas vocais), os comportamentos de ternura (beijos, afagos, abraços) e os sorrisos. As interações afetivas dizem respeito ao clima afetivo das interações e à influência recíproca da vida emocional do adulto e do bebê. Situações patológicas como a de uma mãe deprimida com seu bebê mostram o quanto este último é capaz de perceber e de sofrer em consequência dos afetos negativos, da não-contingência ou da « inexpressividade » que lhe dirige sua mãe (Field, 1987).

Por fim, a interação fantasmática se define como a influência recíproca da vida psíquica da mãe e de seu bebê. Nesta perspectiva, estuda-se a maneira como os conteúdos psíquicos de ambos os parceiros se manifestam nas interações observáveis e o modo como os fantasmas de um respondem ou modificam os fantasmas do outro (Brazelton & Cramer, 1991; Kreisler & Cramer, 1981). O lugar ocupado pelo bebê na problemática psíquica de sua mãe (em particular, na resolução do conflito edipiano), do casal e na história transgeracional de sua família são aspectos fundamentais nesta abordagem. Além destes aspectos, conceitos como o do bebê imaginário e bebê fantasmático, assim como o de mandato transgeracional ilustram a importância que é dada às representações neste ponto de vista (Lebovici, 1983, 1994a, 1994b). A compreensão de como se articulam representações, fantasmas, projeções, afetos, desejos e comportamentos no desenrolar das interações constitui ao mesmo tempo o desafio e o mérito do estudo das interações segundo esta abordagem. Para tanto, a formação clínica psicodinâmica do pesquisador é considerada como

1988). As profundas mudanças e familiar têm questionado enquanto pai. Estas transformações paralelo na literatura psicológica pais ou pais modernos da descrever falar da “paternagem”, designada (Hurstel, 1996; 1997), da paternidade noção psicanalítica que explora a proximidade física pai-criança necessária à instalação da autoridade (Silveira e cols., 1994) e dos pais impulsionados diferenciados da mãe quanto ao amor (Silveira, 1995, 1997), para chegar suficientemente presentes (Zilberman, 1996), conceito que se inspira nas noções da sensibilidade materna nas relações do bebê (1969).

O lugar ocupado pelo pai de três perspectivas: seu comportamentos (Le Camus, & Zaouche-Gaudron, 1997). respeito às condutas socialmente anunciamadas, a função está ligada e efeitos da presença do pai sobre a criança » (Le Camus, p. 27). Poder paternos e a « paternagem » são cuidados fornecidos pelo pai no nível das interações observadas, deficiência do pai em um destino em muitos casos, repercussões de maneira como ela vive a gravidez, o desenvolvimento psíquico, social, assim como para a relação que a criança (Clément, 1993; Levy-Schaer, Wendland, 1995, 1999).

O crescente reconhecimento contribuiu sem dúvida para, sobretudo para o estudo da

Apesar destas mudanças, levando a perspectivas cada vez mais amplas, observamos que o contexto social em que ocorrem as interações, no sentido ecológico preconizado por Bronfenbrenner há mais de duas décadas, continua pouco considerado nestas pesquisas (Bronfenbrenner, 1977). Embora os estudos interculturais correspondam em parte a esta perspectiva, raramente a família tem sido estudada enquanto parte inserida em um sistema mais amplo (bairro, comunidade, subgrupo cultural).

### **Perspectivas Atuais e Considerações Finais**

Os estudos atuais parecem dedicar menos interesse a questões metodológicas e divergências teóricas e focalizam sua atenção nas repercussões da qualidade das interações nos primeiros períodos da vida para o desenvolvimento ulterior do bebê. O estudo das interações entre o bebê e as pessoas que se ocupam dele em diferentes contextos e situações de vida tem implicações significativas do ponto de vista clínico. Sabe-se hoje que as perturbações destas interações constituem, em muitos casos, o único e primeiro indício de dificuldades ou perturbações em vias de instalação no bebê ou na criança pequena. Assim, o estudo das interações pais-bebê, na área da clínica, comporta uma dimensão preventiva evidente (Mazet & Feo, 1996), que tem influenciado tanto os objetivos quanto as metodologias de pesquisa empregados.

A colaboração entre pesquisadores de diversas áreas e de profissionais que tratam o bebê tem possibilitado a realização de estudos originais, interinstitucionais e interdisciplinares, por vezes seguindo novas modalidades, tais como a de pesquisa-ação-formação (Job-Spira, Lamour, Gabel, Chambrun & Lebovici, 1988). Neste último caso, o estudo pode comportar, além da pesquisa propriamente dita, uma ação sobre o meio ambiente, bem como a formação do pessoal engajado nos serviços que atendem pais e bebês.

Destra se temos que têm ocorrido atração crescente

ruptura com seu meio de origem (Moro, 1993), famílias com problemas múltiplos (Gómez, 1987; Stoleru & Morales-Huet, 1993), monoparentais e mães adolescentes (Deschamps, 1993; Wendland, 1999); bebês criados através de técnicas de reprodução assistida (inseminação artificial (Roegiers, 1996), situações. Estes estudos têm mostrado dificuldades ligadas ao contexto (familiar, econômico) quanto a presença de problemas mentais no bebê ou em sua família terapêuticas negativamente nas interações pais-bebê. Isto pode-se observar não somente perturbações ou do vínculo afetivo (ex.: carência de cuidados, negligência e maus-tratos, apego inseguro, comportamento), mas também a presença de problemas psico-funcionais no bebê, que evidenciam a interação entre o psíquico e o somático nas crianças, problemas do sono, perturbações respiratórias, alergias) (Kreisler, 1995; Roegiers, 1989; Wendland, no prelo). Além destes aspectos, as interações pais-bebê também convêm ao clínico ao desafio de examinar as demandas e conteúdos representados (ex. representações do bebê imaginário e fantasmático) e os processos interagidos (interação comportamental) (Ammaniti, 1991; Stoleru, Morales & Gruber, 1993).

Por fim, deve-se lembrar que permanecem atuais os estudos interculturais (Bornstein, 1998; Fracasso, Lamb, Schoelmerich, 1997; Stevenson-Hinde, 1998), uma vez que as diferenças culturais e sociais e particularidades culturais não só podem gerar estudos comparativos, mas também levados em conta na formulação de intervenções terapêuticas do bebê e de sua família (etnopsiquiatria (Moro, 1993; Nathan & Gruber, 1993).

Ao concluirmos este artigo, cabe ressaltar que a revisão não pretende ser exaustiva dos traços culturais que influenciam as interações pais-bebê.

parece ser um campo fértil e relevante para a pesquisa e a prática de novas abordagens psicológicas.

## Referências

- Ainsworth, M.D.S., Bell, S.M. & Stayton, D.J. (1974). Infant-mother attachment and social development: « Socialization » as a product of reciprocal responsiveness to signals. Em M.P.M. Richards (Org.), *The integration of a child into a social world* (pp. 99-135). Cambridge: University Press.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M.C., Waters, E. & Wall, S. (1978) *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Ammaniti, M. (1991). Maternal representations during pregnancy and early infant-mother interactions. *Infant Mental Health Journal*, 12(3), 246-255.
- Baron-Cohen, S., Cox, A., Baird, G., Sweetenham, J., Nightingale, K.M., Drew, A. & Charman, T. (1996). Psychological markers in the detection of autism in infancy in a large population. *British Journal of Psychiatry*, 168, 158-163.
- Bell, S. M. & Ainsworth, M.D.S. (1972). Infant crying and maternal responsiveness. *Child Development*, 41, 291-311.
- Bell, R. & Harper, H. (1977). *Child's effects on adults*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Belsky, J. (1985). Experimenting with the family in the newborn period. *Child Development*, 56, 407-414.
- Belsky, J., Rovine, M. & Taylor, D.G. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project III: The origins of individual differences in infant-mother attachment: Maternal and infant contributions. *Child Development*, 55, 718-728.
- Birraux, A. (1995). Prefácio. Em G. Fava-Viziello, D.N. Stern & A. Birraux (Orgs.), *Modèles psychothérapeutiques au premier âge* (pp.19-23). Paris: Masson.
- Bornstein, M. H., Haynes, O.M., Azuma, H., Galperin, C., Maital, S., Ogino, M., Painter, K., Pascual, L., Pêcheux, M-G., Rahn, C., Toda, S., Venuti, P., Vyt, A. & Wright, B. (1998). A cross-national study of self-evaluations and attributions in parenting: Argentina, Belgium, France, Israel, Italy, Japan, and the United States. *Developmental Psychology*, 34, 662-676.
- Bornstein, M.H., Tal, J., Rahn, C., Galperin, C.Z., Pêcheux, M.G., Lamour, M., Toda, S., Azuma, H., Ogino, M. & Tamis-LeMonda, C.S. (1992). Functional analysis of the content of maternal speech to infants of 5 and 13 months in four cultures: Argentina, France, Japan and the United States. *Developmental Psychology*, 28, 593-603.
- Bowlby, J. (1951). *Séins maternels et santé mentale*. Genève: OMS.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. Vol 1. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Brazelton, T. B. (1973). *Neonatal Behavioral Assessment Scale*. Philadelphia: Lippincott.
- Brazelton, T.B. (1982). Le bébé partenaire dans l'interaction. Em T.B. Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, R. Schapi & M. Soulé, M. (Orgs.), *La dynamique du nourrisson* (pp. 11-27). Paris: ESE.
- Campos de Carvalho, M. I. & Rubiano, M. (1993). Casas pequenas na creche: Análise psicológica de uma experiência compartilhada. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 511-515.
- Censullo, M., Lester, B. & Hoffman, J. (1991). The mother-newborn interaction. *Nursing Research*, 40, 20-24.
- Chess, S. (1967). The role of temperament. *Acta Paedopsychiatrica*, 23, 34-51.
- Cicchetti, D. & Greenberg, M. T. (1991). *Development and Psychopathology*, 3, 347-358.
- Clément, R. (1993). *Monoparentalité et psychopathologie*. Em S. Savet (Orgs.), *Parents au singulier. Monoparentalité et psychopathologie* (pp. 132). Paris: Editions Autrement.
- Cosnier, J. (1984). Observation directe et bases de l'épigénèse interactionnelle. *Psychopathologie*, 126.
- Cramer, B. (1982). La psychiatrie du nourrisson. Em T. B. Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, R. Schapi & M. Soulé, M. (Orgs.), *La dynamique du nourrisson* (pp. 5-12). Paris: Editions Autrement.
- Cummings, E. M. & Davies, P.T. (1994). The development of the child's gross motor skills. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 121-132.
- Cupa-Pérard, D., Moinet, I., Chassin, M. & Savet, J. (1994). Devenir père ou la grossesse. *Psychosomatique*, 37/38, 85-106.
- Cyrulnik, B. (1989). *Sous le signe du lien*. Paris: Éditions du Seuil.
- David, M. & Appell, G. (1964). Etude de la psychopathologie de l'enfant dans une pouponnière. *Psychiatrie*, 37, 1-12.
- David, M., Lamour, M., Kreisler, A. & Pêcheux, M. (1994). Les nourrissons de familles carentes. *Psychosomatique*, 37/38, 85-106.
- Deschamps, J.-P. (1993). Mères adolescentes. Em S. Savet (Orgs.), *Parents au singulier. Monoparentalité et psychopathologie* (pp. 190-203). Paris: Editions Autrement.
- Dumas, J. E. (1987). Interact: A computer program for the assessment of family interaction. *Journal of behavioral assessment of children and adolescents*, 19, 1-12.
- Emde, R.N. (1992). Génétique des émotions (pp. 59-112). Em Ph. Mazet & S. Savet (Orgs.), *Le bébé et ses partenaires* (pp. 59-112). Paris: Éditions du Seuil.
- Emde, R. & Sorce, J.E. (1983). The reward system and maternal referencing. Em J.D. Schellenbach (Ed.), *Frontiers of infant psychiatry* (pp. 1-12). New York: Plenum.
- Escalona, S. (1968). *The roots of individuality*. New York: Basic Books.
- Fantz, R. L. (1963). Patterns of vision in the first year. *Journal of the American Optometric Association*, 34, 297.
- Field, T.M. (1980). Interactions of pre-adolescent boys from lower- and middle-class teenage mothers. *Journal of the American Optometric Association*, 51, 297.

- Freud, S. (1959). Os dois princípios do suceder psíquico. Em J. Salomão (Org.) *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp.321-329). Rio de Janeiro: Delta. (Original publicado em 1911)
- Gillot de Vries, F., Detraux, J.-J. & Vanden-Eynde, S. (1998). Approche du vécu maternel suite à l'annonce d'une anomalie foetale. Em P. Mazet & S. Lebovici (Orgs.), *Psychiatrie périnatale. Parents et bébés: Du projet d'enfant aux premiers mois de vie* (pp. 157-167) Paris: PUF.
- Goldfarb, W. (1945). Effects of psychological deprivation in infancy and subsequent stimulation. *American Journal of Psychiatry*, 102, 18-33.
- Goldfried, M. R., Borkovec, T. D., Clarkin, J. F., Johnson, L. D. & Parry, G. (1999). Toward the development of a clinically useful approach to psychotherapy research. *Journal of Clinical Psychology*, 55, 1385-1405.
- Gomes-Pedro, J., Monteiro, M.B., Carvalho, A. Patrício, M.F., Garcia, F.T. & Barbosa, A. (1987). Early intervention and mother-infant interaction during the first three months of life [Resumo]. Em *The International Society for the Study for Behavioral Development* (Org.). *Resumos ISSBD* (p.67). Tóquio: Wiley.
- Gottman, J. M. & Ringland, J. T. (1981). The analysis of dominance and bidirectionality in social development. *Child Development*, 52, 393-412.
- Green, A. (1979). L'enfant modèle. *Nouvelle Revue de Psychoanalyse*, 19, 27-48.
- Greenspan, S. & Lieberman, A. (1980). Infants, mothers and their interactions. A quantitative approach to developmental assessment. Em S.I. Greenspan & G.H. Pollock (Orgs.), *The course of life* (Vol. 1 pp. 271-310). Washington: Government Printing Office.
- Greenspan, S., Wieder, S., Nover, R., Lieberman, A., Lourie, R. & Robinson, M. (1987). *Infants in multirisk families*. Madison: International Universities.
- Haft, W.L. & Slade, A. (1989). Affect attunement and maternal attachment. *Infant Mental Health Journal*, 10(3), 157-172.
- Harlow, H. F. & Harlow, M. K. (1966). Learning to love. *American Scientist*, 54, 244-272.
- Harrison, M. J. & Magill-Evans, J. (1996). Mother and father interactions over the first year with term and preterm infants. *Research in Nursing and Health*, 19(6), 451-459.
- Houzel, D. (1989). Penser les bébés. Réflexions sur l'observation des nourrissons. *Revue de Médecine Psychosomatique*, 19, 27-38.
- Hurstel, F. (1996). Rôle social et fonctions psychologiques du père. *Informations Sociales*, 56, 8-17.
- Hurstel, F. (1997). Identité masculine, inversion des rôles parentaux, fonction paternelle. *Enfance*, 3, 411-423.
- Isabella, R.A., Belsky, J. & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: An examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology*, 25, 12-21.
- Jardin, F. (1994). Une stratégie de soins précoce du bébé et de la parentalité. Apport de l'observation analytique du bébé en crèche à des fins thérapeutiques. *Devenir*, 6(2), 87-103.
- Job-Spira, N., Lamour, M., Gabel, M., Chambrun, J. de, & Lebovici, S. (1988). Recherche-action sur la prévention de la maltraitance chez le très jeune enfant: Méthodologie et premiers résultats. *Archives Françaises de Pédiatrie*, 45(4), 277-285.
- Klaus, M. & Kennel, J. (1982). *Parent-infant bonding*. St.Louis: C.V. Mosby.
- Kumar, R. & Hipwell, A.E. (1996). Development of a rating scale to assess mother-infant interaction in a psychiatric in-patient unit. *British Journal of Psychiatry*, 169, 18-26.
- Lamb, M.E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. *Human Development*, 18, 245-266.
- Lamour, M. (1989). Les nourrissons de parents psychanalystes. Em S. Lebovici & F. Weil-Halpern (Orgs.), *Psychopathologie et psychanalyse*. Paris: PUF.
- Lamour, M. & Barraco, M. (1995, abril-junho). Danse de l'observation des nourrissons comme danse thérapeutique. *Dialogue*, 81-92.
- Lamour, M. & Lebovici, S. (1991). Les interactions parent-enfant: Evaluation et modes d'abord thérapeutiques. *Psychiatrie de l'enfant*, 34(1), 171-182.
- Le Camus, J. (1995). *Pères et bébés*. Paris: L'Harmattan.
- Le Camus, J. (1997). Présentation du numéro. *Enfance et développement de l'enfant*. Paris: Nathan.
- Lebovici, S. (1983). *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste*. Paris: PUF.
- Lebovici, S. (1994a). Les interactions fantasmatisques somatiques, 37/38, 39-50.
- Lebovici, S. (1994b). L'homme dans le bébé. *Revue de l'Enfance et de l'Adolescence*, 3, 661-680.
- Lebovici, S. (1995). Techniques de l'observation du psychanalyste. Em S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soulé (Orgs.), *Techniques de l'enfant et de l'adolescent* (pp. 549-561). Paris: PUF.
- Lebovici, S. (1996). John Bowlby décrit à travers quelques articles. *Bulletin WAIMH- France*, 3(2), 4-5.
- Lebovici, S., Mazet, P. & Rosevèque, P. (1990). Des parents et des partenaires collaborent à une recherche psychopathologique du bébé. *Enfance et développement de l'enfant*, 70-75.
- Lebovici, S., Mazet, P. & Visier, J.P. (1989). Avant-propos. Em P. Mazet & J.-P. Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions parent-enfant et ses partenaires* (pp. 9-12). Paris: ESHEL.
- Lemaire, J.-G & Fivaz, E. (1989) L'organisation familiale et psychopathologie du bébé. Em S. Lebovici & F. Weil-Halpern. *Psychopathologie du Bébé* (pp.89-106). Paris: PUF.
- Levy-Shiff, R. (1982). The effects of father absence on the development of mother-headed families. *Child Development*, 53, 111-125.
- Lewis, M. & Rosemblum, L. A. (1974). *The effect of father absence on the development of the child*. New York: John Wiley.
- Lieberman, A. (1998). A perspective on infant mental health. *Infant Mental Health Journal*, 19(1), 11-12.
- Lorenz, K. (1981). *The foundations of etiology*. New York: Basic Books.
- Lyra, M. C., Pantoja, A. P., Cabral, E. A. & de Souza, M. (1995). Vocal do bebê: construção partilhada pela criança e pelo pesquisador. *Revista Pesquisa*, 11(1), 1-6.
- Mahler, M. (1963). Thoughts about development and the formation of the personality. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 11, 307-324.

- Mazet, P., Cukier-Hemeury, F., Latoch, J., Rosenblum, O. & Sitbon, H. (1989). Etude historique et critique. Em S. Lebovici, P. Mazet & J-P Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions précoce entre le bébé et ses partenaires* (pp. 15-39). Paris: ESHEL.
- Mazet, P. & Feo, A. (1996). Interactions précoce e recherche. *Pour la recherche*, 9, 2-6.
- Mazet, P. & Stoleru, S. (1993). *Psychopathologie du nourrisson et du jeune enfant*. Paris: Masson.
- McDonough, S. (1995). L'aide à l'interaction: Une technique pour le traitement des troubles relationnels précoce. Em G. Fava-Viziello, D.N. Stern & A. Birraux (Orgs.), *Modèles psychothérapeutiques au premier âge: De la théorie à l'intervention* (pp. 225-237). Paris: Masson.
- Mead, M. (1962). La carence de soins maternels du point de vue de l'anthropologie culturelle. *OMS*, 14, 44-62.
- Meltzoff, A. & Moore, M.K. (1977). Imitation of facial and manual gestures by human neonates. *Science*, 198, 75-78.
- Montagner, H. (1988). *L'attachement, les débuts de la tendresse*. Paris: Odile Jacob.
- Moro, M. R. (1993). Coconstruire l'interaction parents-enfants: Du sens culturel au sens individuel. Em A. Yahyaoui (Org.), *Destins de femmes, réalités de l'exil*. (pp. 199-216) Grenoble: La pensée sauvage.
- Moro, M.R. & Mazet, P. (1998). Parents et enfants « sans larmes ». Nécessité d'une approche psychologique et culturelle de la périnatalité. Em P. Mazet & S. Lebovici (Orgs.), *Psychiatrie périnatale. Parents et bébés: Du projet d'enfant aux premiers mois de vie*. (pp. 489-504) Paris: PUF.
- Murray, L. (1998). L'impact de la dépression du post-partum sur le développement de l'enfant. Em P. Mazet & S. Lebovici (Orgs.), *Psychiatrie périnatale. Parents et bébés: Du projet d'enfant aux premiers mois de vie* (pp. 287-298). Paris: PUF.
- Nadel, J. (1986). *Initiation et communication entre jeunes enfants*. Paris: PUF.
- Nathan, T. & Moro, M.R. (1989). Enfants de « djinné »: Evaluation ethno-psychanalytique des interactions précoce. Em S. Lebovici, P. Mazet & J-P Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions précoce entre le bébé et ses partenaires* (pp. 307-339). Paris: ESHEL.
- Newman, M.G. & Castonguay, L.G. (1999). Reflecting on current challenges and future directions in psychotherapy: What can be learned from dialogues between clinicians, researchers, and policy makers? *Journal of Clinical Psychology*, 55, 1407-1413.
- Noldus Technology Inc. (1996). *The observer: Professional system for collection, analysis and management of observational data*. Documento comercial publicitário. Wageningen (Holanda).
- Papousek, M. (1998). *Regulatory functions of preverbal communication: Compensatory support and failures*. [Resumos] Em *The International Society for the Study for Behavioral Development* (Org.), *Resumos ISSBD* (p. 317). Basel: H. Leidenfrost AG.
- Prechtl, H.F.R. & Beintema, J. (1968). *The neurological examination of the full-term newborn infant*. *Clinics in developmental medicine* (n°28). London: Spastic International Medical Publications & Heinemann Medical.
- Robertson, J. & Bowlby, J. (1952). Responses of young children to separation from their mother. *Courrier du Centre International de l'Enfance*, 2, 131-142.
- Robert-Tissot, C., Ruçconi-Serpa, S., Bachman, J-P., Besson, G., Cramer, B., Stambak, M. & Barrière, M. (1983). *Les premières interactions entre le bébé et ses partenaires*. Paris: ESHEL.
- Stern, D.N. (1977). *Mère, enfant. Les premières interactions entre le bébé et ses partenaires*. Paris: ESHEL.
- Stern, D.N. (1985). La conversation d'avec l'enfant. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 24, 121-125.
- Stevenson-Hinde, J. (1998). Parenting in the first year. *Journal of Developmental Psychology*, 34, 698-700.
- Stoleru, S. (1995). Le couple et le projet de l'enfant. *Neuropsychiatrie de l'enfant*, 7(3), 55-75.
- Stoleru, S., Morales, M. & Grinschpoun, M. (1989). L'interaction entre la grossesse et l'enfant. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 28(2), 441-484.
- Stoleru, S. & Morales-Huet, M. (1989). *Le couple et le projet de l'enfant*. Paris: PUF.
- Thomas, A.S. (1968). *Temperament and behavior*. New York: New York University Press.
- Tinbergen, N. (1951). *The study of instinct*. London: Oxford University Press.
- Trad, P. V. & Kernberg, P. F. (1995). L'interaction entre la grossesse et l'enfant à court terme et ses implications cliniques. Em G. Fava-Viziello, D.N. Stern & A. Birraux (Orgs.), *Modèles psychothérapeutiques au premier âge: De la théorie à l'intervention* (pp. 295-304). Paris: ESHEL.
- Tronick, E.Z. & Cohn, J.F. (1989). Infants' responses to maternal miscoordination. *Child Development*, 60, 121-132.
- Von Bertalanffy, L. (1973). *Théorie générale des systèmes*. Paris: Flammarion.
- Weil-Halpern, F., Veber, F., Blanche, C. (1989). Conséquences de l'infection maternelle sur l'enfant. Em S. Lebovici, P. Mazet & J-P Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions précoce entre le bébé et ses partenaires* (pp. 295-304). Paris: ESHEL.
- Wendland, J. (1995). *Les pièges du « être bâbouin »: Méthodologie et risques de la monoparentalité*. Diploma Universitário de Psicopatologia. Universidade Paris XIII, Paris, France.
- Wendland, J. (1999). *Devenir mère en centre d'accueil et comparative auprès de jeunes mères*. Psicologia Clínica não-publicada. Universidade Paris XIII, Paris, France.
- Wendland, J. (no prelo). Problemas psicológicos de uma investigação junto à jovem mãe. Em G. Gilles (Org.), *Hospitalização do bebé: Agalma*. Agalma.
- Wendland, J. & Piccinini, C. (1998). *Interventions psychologiques visant à favoriser la qualité de l'interaction mère-enfant*. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 37(1), 187-217.
- Wendland-Carro, J., Piccinini, C. & Milner, J. (1999). *Interventions psychologiques visant à favoriser la qualité de l'interaction mère-enfant*. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 37(1), 187-217.

Zaouche-Gaudron, C. (1997). La différenciation paternelle et le père suffisamment présent. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence*, 45(3), 153-161.

Sobre a autora:

**Jaqueline Wendland**

Psicóloga, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil) e Doutora em Psicologia Clínica (Universidade de Paris XIII, França). Professora de Psicologia Clínica e Psicopatologia na Universidade de Lille III (França) e psicóloga clínica na Unité Petite Enfance, Hospital Pitié-Salpêtrière, Paris (França).